

Você Ri e Eles Enriquecem

Os homens que escrevem as piadas para os comediantes famosos dos Estados Unidos são dos escritores mais bem pagos do mundo. E fazem jus ao que ganham, pois fazer rir é negócio muito sério

ERNEST HAVEMANN

FD SIMMONS, fotógrafo de crianças em Bóston, era excelente profissional, mas péssimo homem de negócio. Êle e o sócio tinham consciência de estar perdendo dinheiro, mas imaginavam que precisavam apenas de mais fregueses para mudarem a maré. Dentro em pouco, as despesas montavam a um dólar e quinze centavos por dólar que recebiam. Uma movimentada temporada de Natal foi demais para êles. “Os negócios corriam tão bem que falimos”, recorda Simmons melancolicamente.

Dando um balanço nas suas poses, Simmons descobriu que pouco lhe restava além do seu senso de humor, e, assim sendo, resolveu apurar se êsse era negociável. Reuniu suas últimas centenas de dólares, meteu num automóvel uma valise arrebitada e a espôsa grávida e partiu

através do continente em busca de fama e fortuna. Muito apropriadamente, sua história tem um desfecho à moda de Hollywood. Êle é agora o chefe da equipe de colaboradores do programa de televisão de Red Skelton, um dos comediantes mais populares dos Estados Unidos; ajuda Skelton a fazer rir milhões de pessoas tôdas as semanas—e consta que ganha cêrca de 100.000 dólares por ano.

Simmons é um bom exemplo do fascinante grupinho de homens (e um mero punhado de mulheres) que escapam às normas gerais de trabalho e têm como profissão escrever piadas. São os criadores da maioria das pilhérias que se ouvem nos programas de rádio e televisão e nos cinemas, teatros e boates dos Estados Unidos. Com isso ganham muito mais dinheiro do que os escrito-

Condensado de “Saturday Review”

res dedicados a gênero mais sério. A profissão dêles é a mais exclusivista do mundo, em parte porque não há lugar onde se possa aprender. Com efeito, Larry Klein, um dos melhores humoristas dos Estados Unidos, resolveu melhorar o seu estilo fazendo um curso na Universidade da Califórnia. O resultado foi, de certa maneira, uma piada. Klein, único aluno do curso que trabalhava profissionalmente como escritor, foi o único reprovado.

Ninguém pode prever de onde sairá o próximo grande criador de piadas. Abe Burrows, que conquistou recentemente um Prêmio Pulitzer por seu trabalho nos originais do grande sucesso da Broadway *Como Vencer nos Negócios sem Fazer Fôrça*, é um ex-contador; trabalhou cinco anos em Wall Street antes de descobrir que era engraçado.

Burrows começou inventando piadas para um comediante de boate que lhe pagava cada uma a dois dólares. A época nos Estados Unidos era das histórias da xícara de café. A avó de tôdas elas era a de um mendigo que chegava perto de um sujeito e pedia:

—O senhor pode dar-me dez centavos para tomar uma xícara de café?

O homem respondia:

—Mas uma xícara de café custa cinco centavos.

Imperturbável, o mendigo dizia:

—Então eu convido o senhor para um cafèzinho comigo.

Burrows fazia improvisações sobre êsse tema básico, elevando cada

vez mais os pedidos do mendigo. Uma das variações era assim:

—O senhor pode dar-me um dólar e 25 centavos para uma xícara de café?

—O café custa só cinco centavos.

—Sim, mas eu gostaria de tomá-lo no Teatro Paramount.

Burrows chegou afinal à seguinte versão:

—O senhor pode dar-me 2.000 dólares para uma xícara de chá?

—Mas o chá custa só cinco centavos.

—Sim, mas eu gostaria de ir tomá-lo na China.

Nessa altura, já não era mais possível esticar a pilhéria; então, Burrows inventou o que os profissionais chamam de torção em sentido contrário. Nessa época, o preço do café subira e a nova versão de Burrows era assim:

—O senhor pode dar-me cinco centavos para uma xícara de café?

—Mas o café agora custa dez centavos.

—E não se pode comprar a varejo?

O sistema de Burrows de improvisar novas piadas sobre velhos temas veio a ser mais tarde de grande utilidade. Anos depois, quando êle escrevia *Silk Stockings* ("Meias de Sêda"), opereta satírica sobre a vida entre os comunistas, lembrou-se da velha piada sobre o produtor ignorante que diz ao seu assistente:

—Quero que o nosso próximo argumento seja escrito por êsse tal de Shakespeare.

—Mas Shakespeare já morreu!— diz o assistente.

—Ah, é? Eu nem sabia que êle estava doente.

Em *Meias de Sêda*, Burrows produziu uma variação clássica sobre êsse tema, fazendo um russo dizer ao outro:

—Você não sabe que nosso amigo Prokofiev morreu?

Ao que o segundo russo responde:

—Eu nem sabia que êle tinha sido prêsô.

Pouca gente nasce com talento para criar ditos engraçados e ainda menos gente tem a coragem e a paciência necessárias para penetrar no ramo. Em todo o território dos Estados Unidos destacam-se atualmente menos de 50 humoristas de televisão e cinema. São na maioria homens melancólicos, que trabalham muito. Levantam-se todo dia cedo e vão para o escritório, como qualquer homem de negócio. Quebram a cabeça durante 8, 10, 12 horas ou mais, na terrível obrigação de serem engraçados, e sabem que a maior parte do que escrevem será jogada fora. O *Garry Moore Show* apresenta na televisão apenas uns 24 minutos de humorismo por semana, e no entanto precisa de seis escritores. O *Perry Como Show*, com cêrca de 20 minutos de humorismo, ocupa cinco escritores. Como indica um pouquinho de Aritmética, os autores dêsses programas produzem apenas uma média de quatro minutos de material por semana. Mas, graças à escassez de boas pilhérias, o trabalho

lhes rende entre 25.000 e 200.000 dólares por ano.

Uma das coisas que faz com que os humoristas estejam sempre deprimidos é a imprevisibilidade do público. Diz Groucho Marx, cujas irreverentes e espontâneas piadas vêm há anos contribuindo para fazer rir os Estados Unidos: “O público ri das coisas mais estapafúrdias—e não ri de modo algum quando achamos que deveria rir.” Uma velha história cujo êxito espanta Groucho data dos seus tempos de *vaudeville*. Era uma sátira característica dos Irmãos Marx, em que Groucho tinha uma espôsa que era um canhão, gorda, mandona, dominadora. Groucho era o anfitrião numa grande festa. No fim, antes de ir embora, Chico dizia:

—Gostaria de dizer adeus à sua senhora.

—Eu também—respondia Groucho.

A platéia nunca deixou de soltar gargalhadas estrondosas.

Os criadores de piadas têm em geral poucos amigos, a não ser entre os colegas de profissão. Levam vidas tão estranhas, tão distanciadas das realidades do mundo cotidiano, que só outro humorista pode ter afinidade com êles. As suas reuniões, depois das horas do expediente, costumam ser taciturnas. Abe Burrows gosta de passar noites lendo filosofia, ou discutindo psicanálise freudiana. Paul Henning e a mulher seguem um curso noturno de alemão. Carl Reiner nunca se considerou outra coisa senão ator, até participar da

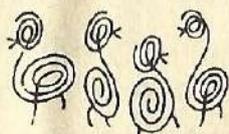
reunião dos humoristas para tratar de um espetáculo em que êle era coadjuvante. Reiner inventou imediatamente uma piada para o ator principal, sôbre uma môtca que esvoaçava pela cidade e de vez em quando aparecia para comunicar suas observações. Reiner sugeriu que a môtca voasse até à vitrina de um supermercado, lesse um letreiro que dizia: ARTIGO DO DIA: O NÔVO DDT, MAIS PODEROSO QUE TODOS OS OUTROS"—depois comentasse com tristeza: "Quanto ódio há neste mundo, meu Deus!"

Os programas de televisão se filmam hoje pelo menos com uma semana de antecedência e a piada sôbre os acontecimentos do momento praticamente desapareceu. Uma das exceções é Bob Hope, cujo monólogo incial é sincronizado com o minuto que corre. Quando se abriram manchetes para as primeiras notícias da separação de Elizabeth Taylor e Eddie Fisher, durante a filmagem de *Cleópatra*, Bob Hope disse: "Eddie percebeu que as coisas iam de mal a pior no dia em que Liz levou a víbora para casa depois do trabalho."

Talvez a melhor coisa de Hope como pilhéria sôbre assuntos do momento tenha sido a que êle apresentou quando os Estados Unidos, im-

pressionados com a vitória dos russos no lançamento do Sputnik, tentaram lançar o seu primeiro satélite espacial, que teve um triste fim no Oceano Atlântico. Foi um momento de graves preocupações para o país. Os colaboradores de Hope trabalharam muitas horas procurando descobrir o comentário adequado. Finalmente, Mort Lockman, que trabalha com Hope há 14 anos, apresentou a seguinte sugestão: "Vocês devem ter ouvido a boa notícia que vem de Cabo Canaveral. Os Estados Unidos acabam de lançar um nôvo submarino." O próprio Lockman teve receio da pilhéria, porque a menor insinuação de pessimismo exagerado ou de bravata seria considerada de um mau-gôsto pavoroso. Mas Hope, que tem absoluta confiança no seu próprio critério, exclamou: "Está perfeita!"—e repetiu-a na TV para 40 milhões de pessoas.

Essa piada foi considerada a melhor da era espacial e dos foguetes até ao dia em que os colaboradores de Milton Berle finalmente a superaram, quando os Estados Unidos lançaram o seu primeiro satélite bem sucedido. Segundo Berle, o Presidente Eisenhower telefonou para a estação de Cabo Canaveral e perguntou assombrado: "Que foi que não houve?"



Môça à vendedora: "A senhora tem um cartão-postal que diga à pessoa que não vamos mais mandar-lhe cartões?"